

Considerações acerca de *Les Sylphides* e *Giselle*

por Eliana Caminada



O Considerações acerca de *Les Sylphides* e *Giselle*

Eliana Caminada

publicado em 29/10/2021

“Era uma dança no estilo Taglioni, no estilo de uma época há muito esquecida, em que a poesia prevalecia na arte do balé, quando uma bailarina subia nas sapatilhas de ponta não para se equilibrar na sua biqueira de aço, mas para mal tocar o chão, para criar uma impressão de algo sobrenatural, fantástico, com a leveza de sua dança... O público ficou fascinado e eu também. Pavlova me impressionou tanto que pensei em encenar um balé inteiro do mesmo estilo. Criei *Les Sylphides* para Pavlova!”¹.

As palavras de Mikhail Fokine (1880-1942), o criador de *Les Sylphides*, definem esta obra tão eterna na sua poesia e no seu lirismo.

A importância histórica de Fokine é imensa. Seu trabalho foi construído sobre a aplicação de cinco princípios que, publicados em 1914, o tornaram o pai da moderna concepção de espetáculos cênicos. Tais princípios mudaram, definitivamente, a elaboração das montagens de balé e foram incondicionalmente observados por ele na totalidade de sua obra. Música de incontestável qualidade, passos e movimentos criados com liberdade e competência e coerentes com a obra a ser montada, cenografia e figurinos fundamentados no tema, no período e na composição da obra, conjunto valorizado

1. Extrato do livro *Against the Current. Memoirs of a Ballet Master. Articles, Letters*, de Mikhail Fokine, compilado por Yuri Slonimsky.

pela expressividade e pela movimentação no seu todo, em lugar de funcionar apenas como moldura para os artistas principais. Ele acreditava que a tradição devia ser respeitada e preservada, mas tinha a clara noção de que o balé do século XX precisava evoluir buscando novas soluções e caminhos mais abrangentes.

Em *Les Sylphides*, é possível observar todos os princípios definidos por Fokine. Apesar de ser um trabalho abstrato, ele consegue transmitir todas as peculiaridades da era romântica na sua evocação da imaginação e do transcendental. A música de Frédéric Chopin (1810-1849) é sublime e organicamente conectada à coreografia. Em seu esforço para reproduzir a natureza do balé romântico dos anos 1830, o coreógrafo aboliu o uso da técnica virtuosística, abandonando corajosamente piruetas e passos espetaculares surgidos no final daquele século. Os bailarinos se movem tecendo, com saltos e bourrées, padrões visualmente refinados, belos e delicados, absolutamente consonantes com o período retratado. Sua remontagem e execução são extremamente difíceis porque requerem dos artistas envolvidos musicalidade, leveza e alto sentido de estilo.

A São Paulo Companhia de Dança entrega-se de maneira convincente à laboriosa responsabilidade de dançar esta criação, tão mais complicada quando se trata da interpretação romântica que Fokine faz do próprio romantismo, admitindo-se, na obra, um toque de impressionismo.

O trabalho de Ana Botafogo como remontadora é criterioso e explora com competência os elementos da Companhia. Grande intérprete desse balé, ela revela a tarimba típica de uma bailarina clássica de repertório que conhece cada detalhe de uma obra que integra o acervo de sua companhia, o Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, há quase cem anos.

Funciona muito bem a cenografia de Fábio Namatame e a iluminação de André Boll. Os detalhes que Tânia Agra criou para um figurino que não pode fugir do tradicional são muito acertados. A equipe contribuiu, muito favoravelmente, para o bom resultado apresentado.

Les Sylphides é, indiscutivelmente, uma obra-prima que transcende o universo da dança. É um patrimônio da humanidade, um dos grandes legados do balé para a civilização ocidental.

Giselle ou *Les Willis* é também uma obra-prima do Romantismo, uma criação que solidifica e sintetiza de forma admirável todas as aspirações técnicas e dramáticas do período.

Um conjunto de grandes artistas se reuniu e concebeu uma obra que transpôs o tempo para chegar aos nossos dias em inúmeras versões contemporâneas, todas inspiradas, na sua essência, na genial criação de Jean Coralli (1779-1854) e Jules Perrot (1810-1892) para o enredo desenvolvido por Théophile Gautier (1811-1872) e para a composição iluminada de Adolphe Adam (1803-1856).

Em *Giselle*, os aspectos contrastantes e complementares esboçados em *La Sylphide*, de Filippo Taglioni (1777-1871), remontado por Mario Galizzi para a São Paulo Companhia de Dança em 2014, se realizam na sua plenitude. A um primeiro ato solar se opõe um segundo lunar, aéreo, místico, irreal e espiritual. Equilibrado, inspirado e conciso, o balé *Giselle* se constitui em uma feliz elaboração de técnica e artisticidade, de dramaticidade e lirismo, de dança e de pantomima.

Como planejamento da remontagem de balés do repertório tradicional para o acervo da Companhia, a encenação do segundo ato de *Giselle* se apresenta como a sequência natural de *La Sylphide*, complementado por *Les Sylphides*, de Mikhail Fokine, obras emblemáticas, criadas em séculos diferentes, por coreógrafos e compositores distintos.

O alcance do tema de *Giselle* ultrapassou todas as barreiras. Das bailarinas orientais às do Dance Theatre of Harlem, todas acentam o sonho de interpretar *Giselle* – o tema é compreendido em todo o planeta.

As *willis*, jovens traídas antes da noite de núpcias, vivem em um mundo marginal onde vigoram regras radicalmente diferentes.

Neste mundo dirigido exclusivamente por mulheres, no qual habitam suas almas traídas, permanecem presas à Terra pelo desejo de vingança contra os homens.

Contudo, Giselle, a personagem, difere fundamentalmente de suas “irmãs”. Na sua nova morada, apesar das regras, ela consegue expressar seu amor plenamente, o que não lhe fora possível no mundo real. Lá, a paixão entre ela e Albrecht finalmente se concretiza porque Giselle ainda é capaz de perdoar, libertando, finalmente, sua alma dos laços que ainda a unem à Terra e a seu amado. Essa é a luta que se trava no Reino das Sombras e que se constitui na grande questão do segundo ato.

Comum a todas as *willis* é a preservação da juventude que resiste à morte. À meia-noite elas se levantam de seus túmulos e se reúnem na floresta, expressando seu ódio e seu vigor noturno no frenesi da dança. Quando encontram um jovem, fazem-no dançar descontroladamente até morrer.

Uma espécie de ritual introduz Giselle no reino das *willis*. Não por acaso, rodopiando descontroladamente ao som de uma valsa, a nova *willi* se desvincula da noção de seu próprio corpo, de seu amor terrestre, da essência de seu “eu”. Com Giselle, entretanto, o amor é mais forte e o que a prende à Terra não é um sentimento de ódio, mas de terno amor.

Os coreógrafos foram geniais na concepção da coreografia, mesmo considerando-se a contribuição de Marius Petipa (1818-1910) na movimentação visivelmente acadêmica da rainha das *willis* e do conjunto. Suas figuras espectrais avançam como um exército de espíritos perversos liderados por sua totalitária rainha, que lhes dá ordens impiedosas executadas sem questionamento, concepção aparentemente buscada por Lars van Cauwenbergh na sua remontagem. A confraria das *willis* é enérgica e perigosa. À noite e na floresta, esse universo reflete, como um espelho invertido, os abusos da nobreza abordados no primeiro ato, no qual a mulher é mostrada

como simples objeto de desejo ou como parte de um contrato entre membros de uma classe social considerada superior.

O segundo ato de *Giselle*, maior momento do período romântico, encerra uma dualidade muito bem explorada pelos que o conceberam: o amor de Giselle se mantém, e ela “vive” estando morta para salvar a vida de seu amado. É então, e só então, que ela desaparece para sempre.

ELIANA CAMINADA é bailarina, pesquisadora e escreve artigos sobre dança em jornais e sites especializados. Foi solista do Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro de 1963 a 1978, primeira-bailarina do Balé Guaira em 1978/1979, bailarina-solista contratada pela Bayerische Staats Opera, e bailarina convidada em importantes galas. Em 2014 teve sua trajetória retratada em um episódio da série Figuras da Dança da São Paulo Companhia de Dança. Ministra palestras, participa de debates sobre dança, atua como jurada em festivais conceituados e colabora com o projeto Mestres da Dança.

Para citar este texto como fonte de pesquisa utilize o modelo abaixo:
CAMINADA, Eliana. In: Considerações acerca de *Les Sylphides* e *Giselle*. São Paulo: São Paulo Companhia de Dança, 2021. Disponível em <<http://www.spcd.com.br/memoria/olhares>>. Acessado em (DIA/MÊS/ANO).